

Ser, Pensar e Dizer
Ensaio sobre percepção

Copyright© Iraquitã de Oliveira Caminha
e Galileu Galilei Medeiros De Souza (Organizadores), 2016

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem a autorizaçã prãvia por escrito das autoras, poderã ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados.

EDITOR Joã Baptista Pinto
REVISãO Edilva Santos
PROJETO GRãFICO E CAPA Rian Narcizo Mariano

CATALOGAÇãO DA PUBLICAÇãO NA FONTE.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE.

Ser, Pensar e Dizer: ensaios sobre percepçã. / Francisco Almeida de
Lucena et al; Iraquitã de Oliveira Caminha, Galileu Galilei
Medeiros de Souza (Orgs.). - Mossoró: Edições UERN, 2016.

272 p.
ISBN 978-85-7621-139-6

Homenagem do Grupo de Pesquisa Filosofia da Percepçã ao Professor Josã Gabriel Trindade Santos.

1. Filosofia da Percepçã. 2. Teoria do conhecimento - Estudo
da percepçã, do pensar e da linguagem. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
II.Título.

UERN/BC

CDD 100

Bibliotecãria: Jocelania Marinho Maia de Oliveira CRB 15 / 319

LETRA CAPITAL EDITORA
Tel: (21) 2224-7071 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

EDIÇõES UERN
Tel: (84) 3315.2177
www.uern.br
edicoesuern@uern.br

Iraqitan de Oliveira Caminha
Galileu Galilei Medeiros de Souza
(ORGANIZADORES)

Ser, Pensar e Dizer
Ensaaios sobre percepção

Homenagem do Grupo de Pesquisa Filosofia da Percepção
Ao Professor
José Gabriel Trindade Santos

LETRAPITAL



Autores

Francisco Almeida de Lucena
Galileu Galilei Medeiros de Souza
Geane Vidal de Negreiros Lima
Iraqitan de Oliveira Caminha
Ivanaldo Santos
Jadismar de Lima Figueiredo
José Francisco das Chagas Souza
José Roberto Gomes
José Gabriel Trindade Santos
Lourival Bezerra da Costa Júnior
Luiz Carlos Santos da Silva
Maria Veralúcia Pessôa Porto
Patrícia Lucchesi Barbosa
Regina Froés Dolabela
Ricardo Nachmanowicz

*Ao prof. Dr. José Gabriel Trindade Santos,
por compartilhar conosco o seu modo de filosofar
em companhia do mestre Platão e de tantos outros
filósofos clássicos sem, no entanto, repeti-los.
Muito pelo contrário, reinventando-os com seu preciso
olhar analítico dirigido aos textos.*

Prefácio

Com satisfação convidamos o leitor a se debruçar sobre o segundo livro de nosso grupo de pesquisa – Filosofia da Percepção (o primeiro foi *Percepção, Corpo e Subjetividade*, publicado em 2013). Um espaço para muitos, onde reina a *Philia*. A amizade, diz C.S. Lewis, é a forma de amor menos necessária de todas. Ela nos afasta da massa e nos congrega pelo compartilhamento de interesses comuns.

Em nossas reuniões regulares, que acontecem semanalmente em João Pessoa (coordenadas pelo professor Iraquitan de Oliveira Caminha) e em Belo Horizonte (coordenadas pelo professor André Joffily Abath), desde 2010, discutimos questões complexas e polêmicas no âmbito da filosofia da percepção. E, todavia, o respeito pelo outro nunca sequer foi ameaçado. Levado para o grupo como sendo o que há de melhor produzido por cada membro, cada texto é aí desconstruído e reconstruído pelo labor da leitura e da discussão. Nesse processo, desprezamos o orgulho e a superioridade em relação ao outro para nos apegar à generosidade da modéstia que a filosofia exige. Sempre recordamos que a condição de “não-saber” é o mito que nos deu origem. Esse mito é o horizonte de todos os ritos de construção filosófica vividos pelo grupo.

O círculo de amizade que nos une expressa a condição do filósofo como amigo da sabedoria. Entretanto, reconhecemos que quase sempre pensamentos rivais são colocados em estado de *Agôn*, conforme nos fala Deleuze e Guattari. Entre nós, a competição entre os diferentes pensamentos filosóficos é usada para o aperfeiçoamento da arte de argumentar e por amor ao saber, nunca para criar inimizades. Ajuda-nos nessa direção nossa identidade de círculo temático, sem fixação e exclusividade de pontos de vista ou tradições filosóficas.

Não podemos negar que estamos inseridos no contexto universitário, carregado de exigências burocráticas e técnicas. Mas, acreditamos que podemos pensar e esperamos que nossa crença não seja uma ilusão. Esse é o risco que assumimos, certos de que não há vida dedicada à filosofia sem riscos. Ilusão ou não, nosso grupo tem-se mostrado um espaço potencial, como diz Winnicott, para gestos criativos no âmbito do filosofar. Somente mentes plás-

ticas e inventivas são capazes de realizar a tarefa do filosofar, que nos exige a coragem de reaprender a ver o mundo. Eis a alma que nos anima: a busca da filosofia como viver criativo.

A presente publicação reúne escritos que, em perspectivas variadas, discutem questões ligadas à teoria do conhecimento, com enfoque no estudo da percepção, do pensar e da linguagem. Constituída por 14 ensaios, foi organizada, o quanto possível, segundo a ordem histórico-filosófica dos autores e problemas abordados.

O artigo que abre o volume é de autoria do Prof. José Gabriel Trindade Santos, homenageado com a presente publicação. Focado no preâmbulo do argumento sobre os “amadores dos espetáculos” (*República*, 475e4-477a4) e abraçando uma abordagem diversa do habitual, o Prof. Gabriel Trindade Santos não se propõe tentar justificar a proposta abraçada por Platão, mas sim, em suas próprias palavras, “revelar algumas inconsistências que a viciam apontando o nó argumentativo a que o filósofo se obriga a retornar numa porção de diálogos”. Mais precisamente, o artigo se propõe a mostrar que a atenção concedida a dois significativos problemas epistemológicos presentes nos diálogos platônicos – a saber, o recurso à participação nas Formas para explicar a natureza de uma multiplicidade de indivíduos aos quais é atribuído um mesmo nome e a relação entre “saber” e “doxa” – pode ter sido motivada pela intenção de corrigir uma falácia cometida no trecho em questão.

A esse primeiro texto, segue-se o ensaio de Galileu Galilei Medeiros de Souza, *No encontro entre ser e pensar*. Seu objetivo é apontar duas alternativas à interpretação do conhecimento como adequação entre ser e pensar, valendo-se do *Poema de Parmênides* e da *Filosofia da Ação* de Maurice Blondel.

Os dois textos seguintes são de inspiração platônica. Em *Relação entre ser, pensar e dizer no Fédon de Platão* o autor, Lourival Bezerra da Costa Júnior, procura mostrar como Platão, a partir de uma crítica tecida contra alguns naturalistas, procura individuar um modo mais adequado de dizer a verdadeira causa das coisas, acabando por aprofundar a noção de alma.

Já em *Sobre os limites do discurso e a importância da percepção no Teeteto de Platão*, Patrícia Lucchesi Barbosa se propõe apontar, por meio de um paralelo entre a crítica platônica à concepção protagórica da percepção e a *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty, as profundas semelhanças e algumas importantes dessemelhanças entre esses filósofos, separados por 24 séculos de pesquisa em epistemologia.

O quinto e sexto textos versam sobre filosofia moderna. Luiz Carlos Santos da Silva em seu ensaio, *A geometria das paixões humanas na filosofia do poder de Thomas Hobbes*, procura justificar, de acordo com Hobbes, o uso do método geométrico na fundação de uma filosofia do poder, tanto natural quanto política. Uma vez reduzidos os fenômenos naturais e políticos ao princípio de autoconservação do movimento da matéria e dos corpos em geral, Hobbes aplica o método geométrico sobre o homem, considerando as paixões humanas ora como efeitos da ação do mundo sobre os sentidos e ora como causa das ações humanas no mundo. Nessa mesma direção, entendendo o conhecimento humano como manifestações do movimento e da matéria, Hobbes sustenta uma compatibilidade entre as autoridades científica e civil. Compatibilidade tal que encontra no método geométrico um modelo capaz de operar os elementos dos corpos figurados, que se aplica tanto aos corpos naturais quanto aos corpos políticos e seus respectivos poderes.

O texto seguinte de Geane Vidal Negreiros Lima, *Das faculdades de percepção na filosofia kantiana*, é uma exposição da estrutura do sistema de conhecimento kantiano, composto por faculdades intelectuais superiores e faculdades sensíveis. Embora se mantenham separadas, essas faculdades precisam realizar uma certa união para garantirem a estabilidade do conhecimento.

Os demais artigos referem-se a estudos de filosofia contemporânea. Assim, Ricardo Nachmanowicz em *O óbice da percepção* procura estudar a sutil diferença de abordagem entre a fenomenologia e o fenomenismo sob as figuras respectivas de Edmundo Husserl e Ernst Mach, encontrando no centro dessa discussão o tema do grau de presença ou ausência da atuação de funções lógicas em meio à experiência perceptiva.

Segue-se a este texto o artigo de Francisco Almeida de Lucena, *Heidegger e a Linguagem*, no qual se procura mostrar o entendimento do filósofo friburguense a respeito da linguagem como instrumento de manifestação do ser, o que se torna possível pelo esforço para libertar a linguagem dos enquadramentos formais da linguística e da filosofia da linguagem, que privilegiam a analítica. No nono artigo, *Dizer a verdade e confissão em Foucault*, Maria Veralúcia Pessoa Porto desenvolve uma investigação do episódio histórico relacionado com a publicação das *Confissões* de Rousseau, à luz de um curso pronunciado nos meses de abril e maio de 1981 em Louvain, por Michel Foucault, intitulado “*Fazer o mal, dizer a verdade: a função da confissão na justiça*”. O texto se conclui desenvolvendo uma relação entre o sufocamento

das *Confissões*, com o silêncio que se segue à leitura da obra em público, e o desabafo, a defesa de si mesmo, expressa nos *Diálogos*.

Os últimos cinco textos voltam-se para leituras da filosofia de Merleau-Ponty. Em *A linguagem do silêncio e da fala como expressões do corpo em Merleau-Ponty*, José Francisco das Chagas Souza e Ivanaldo Santos procuram abordar a linguagem em Merleau-Ponty, a partir da experiência do corpo que vivencia no mundo o sentido do silêncio e da fala como comunicação. Com efeito, o corpo se expressa em sua comunicação com o mundo através do que chamamos de fala do falante e fala falada, mas também pela simples linguagem sem fala de sua presença.

Em *Liberdade e Ontologia em Maurice Merleau-Ponty*, Jadismar de Lima Figueiredo procura discutir a noção de liberdade a partir das contribuições de Merleau-Ponty, identificando-a como ligada inteiramente às condições de vida do sujeito que a vivencia e, assim, sujeita a influências diversas: históricas, sociais e temporais. José Roberto Gomes, que assina *A experiência do tocar e a reversibilidade da carne em Merleau-Ponty*, pretende investigar os dois fenômenos descritos pelo título de seu ensaio, a partir de duas obras que analisam a noção de corpo próprio e da reversibilidade da carne, a saber, a *Fenomenologia da Percepção* e *O visível e o invisível*.

Por sua vez, em *Acerca das manifestações expressivas do corpo no espaço conversacional dos “não falantes”*, Regina Froés Dolabela trata dos aspectos estruturais do comportamento e fenomenológicos do corpo, da fala e da linguagem nos primeiros trabalhos de Maurice Merleau-Ponty, à luz de casos de surdez relatados por Oliver Sacks. A autora argumenta a favor da linguagem como uma dentre outras manifestações de expressividade existencial e simbólica do corpo, qualquer que seja sua modalidade, mostrando como o estudo da comunicação por meio da linguagem dos “não falantes” leva à compreensão da centralidade do corpo em todo tipo de comunicação.

Por fim, em *Percepção, paisagem e linguagem em Merleau-Ponty*, Iraquitã de Oliveira Caminha examina a crítica que Merleau-Ponty dirige à experiência perceptiva guiada por uma visão objetivista, segundo a qual seria possível isolar absolutamente uma coisa percebida como unidade apartada da paisagem perceptiva em que o corpo habita. Com base nessa perspectiva, consideram-se no texto as relações entre percepção e linguagem, procurando mostrar que a linguagem não é apenas uma operação nominativa que cria uma palavra para representar determinadas coisas do mundo, mas, antes de

tudo, gesto criativo do corpo e, ainda, gestualidade transferida para o mundo com base em atos perceptivos. Concebida como gesto criativo do corpo, a linguagem revela o sentido da expressividade do mundo, percebido como inacabamento do fluxo das aparências das coisas.

Dito isso, resta-nos somente o desejo de que todos, por meio do dizer desses textos, aumentem seu amor pelo conhecimento do ser. Uma profícua leitura!

*Iraquitan de Oliveira Caminha
Galileu Galilei Medeiros de Souza*

Sumário

Preâmbulo do argumento contra os “amadores de espetáculos”: República V 475e-477a	15
<i>José Trindade Santos</i>	
No encontro entre ser e pensar: o problema da justificação da reflexão por Parmênides e Blondel	35
<i>Galileu Galilei Medeiros de Souza</i>	
Relação entre ser, pensar e dizer no Fédon de Platão	47
<i>Lourival Bezerra da Costa Júnior</i>	
Sobre os limites do discurso e a importância	83
da percepção no Teeteto de Platão	83
<i>Patrícia Lucchesi Barbosa</i>	
A geometria das paixões humanas na filosofia do poder de Thomas Hobbes.	97
<i>Luiz Carlos Santos da Silva</i>	
Das faculdades de percepção na filosofia kantiana	111
<i>Geane Vidal de Negreiros Lima</i>	
O óbice da percepção: uma resposta das investigações lógicas de Edmund Husserl ao problema da relação entre linguagem e percepção em Ernst Mach.....	139
<i>Ricardo Nachmanowicz</i>	
Heidegger e a linguagem	165
<i>Francisco Almeida de Lucena</i>	

Dizer a verdade e confissão em Foucault	173
<i>Maria Veralúcia Pessoa Porto</i>	
A linguagem do silêncio e da fala como expressões do corpo em Merleau-Ponty.....	187
<i>José Francisco das Chagas Souza e Iveraldo Santos</i>	
Liberdade e Ontologia em Maurice Merleau-Ponty	199
<i>Jadismar de Lima Figueiredo</i>	
A experiência do tocar e a reversibilidade da carne em Merleau-Ponty ...	213
<i>José Roberto Gomes</i>	
Acerca das manifestações expressivas do corpo no espaço conversacional dos “não falantes”: considerações sobre a linguagem dos surdos	221
<i>Regina Froés Dolabela</i>	
Percepção, paisagem e linguagem em Merleau-Ponty	255
<i>Iraquitã de Oliveira Caminha</i>	

Preâmbulo do argumento contra os “amadores de espetáculos”: República V 475e-477a

José Trindade Santos¹

O conhecido argumento sobre os “amadores de espetáculos” continua ainda hoje a suscitar controvérsia entre os comentadores, como mostram algumas publicações recentes (C. Araújo, 2014, 107-138; F. Fronterotta, 2014, 37-80; F. Ferrari 2014, 15-35; V. de Harven, 2015, *online*). Contra a abordagem habitual, o meu objetivo com este texto, focado no preâmbulo do argumento (475e4-477a4), não é tentar “salvar” a proposta avançada por Platão, mas, pelo contrário, revelar algumas inconsistências que a viciam, apontando o nó argumentativo a que o filósofo se obriga a retornar numa porção de diálogos². Quero desse modo mostrar que pode ter sido motivada pela intenção de corrigir uma falácia cometida no passo em análise a atenção por ele concedida a dois importantes problemas epistemológicos. O primeiro é o do recurso à ‘participação’ nas Formas para explicar a natureza de uma multiplicidade de indivíduos aos quais é atribuído um mesmo nome (*República* X 596a). O segundo, dominante nos Livros centrais da *República* e presente em muitos outros diálogos, é o das relações entre “saber” e “*doxa*”³.

¹ José Gabriel Trindade Santos possui graduação em Filosofia pela Universidade de Lisboa (1974), mestrado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa (1984), doutorado em Filosofia pela Universidade de Lisboa (1989) e agregação em 2000. É professor catedrático aposentado da Universidade de Lisboa e colaborador permanente dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba e da Universidade Federal do Ceará, onde atualmente exerce funções como professor visitante. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Filosofia Grega Antiga, pesquisando e publicando principalmente nos seguintes temas: Epistemologia, Filosofia da Linguagem e Metafísica. É autor e organizador de mais de duas dezenas de livros, entre traduções, comentários e obras originais, e mais de uma centena de artigos e capítulos de livros, publicados em diversos países da Europa e das Américas.

² A maioria dos comentadores opta pela posição oposta. Destaco: C. Araújo, cuja análise amplamente contextualiza o argumento na problemática da República (2014, 107-138), considerando-o “não apenas válido, mas rigorosamente dialético” (132); e F. Gonzalez (2014, 81-105), que o considera “notavelmente claro e sem ambiguidade” (81).

³ Em bom número de passos, traduzo ‘gnôsis’ (adiante ‘epistêmê’) por “saber” ou por

I - O argumento

Depois de algumas considerações relativas à relação entre Formas contrárias, Sócrates estipula que cada uma delas:

é em si uma, mas, por se apresentar aos olhos (*phantadzomena*) por todo lado misturada com ações, corpos e outras [Formas], cada uma aparece (*phainesthai*) muitas (476a6-9; adiante, E1).

A simplicidade com que a tese é apresentada mascara a abrangência do contexto ontoepistemológico⁴ em que se acha inserida, bem como a diversidade de problemas lógicos que suscita. A mensagem explícita no passo (475d ss.) é a de que a “visão” e o “acolhimento” (adiante: *idein te kai aspadzontai*: 476b7-8) concedidos à natureza unitária de cada Forma deve se impor à diversidade das circunstâncias em que esta “se apresenta aos olhos”. Platão confronta as análises das práticas cognitivas de “amadores de espetáculos” e “filósofos” para exemplificar as contrastantes modalidades cognitivas pelas quais as Formas são captadas. O seu objetivo é mostrar que só atendendo àquilo que são se pode compreender o modo como “aparecem”.

Os “amadores de espetáculos” são contrapostos aos “verdadeiros filósofos” com a alegação de que, ao contrário daqueles, que se deixam prender por olhos e ouvidos, estes “amam contemplar a verdade” (475e5). Por exemplo, enquanto os outros amam as belas vozes, cores e figuras que ouvem e veem, mas são incapazes de amar e acolher a natureza do belo (476b), os filósofos são “os raros” capazes de “chegar ao próprio belo e de o contemplar em si” (476b10-c1).

Tanto a estipulação, quanto a contraposição que nela se apoia, dominam todo o argumento. De acordo com ele, o erro dos “amadores de espetáculos” reside na sua incapacidade de se elevarem acima da diversidade daquilo que captam pelos sentidos, não podendo compreender que só a unidade de cada Forma – aquilo que ela “é em si” – pode explicar como, “misturada”, “aparece muitas”. É o que, na sequência, o texto esclarecerá:

“conhecimento”, sem estabelecer distinção entre uma e outra opção, o mesmo valendo para os verbos ‘gignôskô’ e epistamai. A opção por ‘saber’ tenta evitar a confusão das concepções platônicas sobre o ‘conhecimento’ com as atuais. Traduzo ‘doxa’ por “crença” ou “opinião” e ‘doxadzô’ por “opinar” (J. T. Santos, 2005, 55-57, 121-123).

⁴ Embora Platão adiante defenda que a natureza do “conteúdo” captado é relativo ao “exercício” e “resultado” da modalidade cognitiva utilizada, o locus classicus da dualidade ontoepistemológica é: Timeu 27d-28a. Para uma abordagem do argumento estudado nesta perspectiva, ver F. Fronterotta, 2014, 37-80.

Texto 1

Sócrates – Aquele que costuma acreditar⁵ em coisas belas, mas não se acostuma ao belo em si, nem é capaz de seguir alguém que creia no conhecimento (*gnôsin*) daquele [belo], parece-te que vive um sonho ou vive desperto? Vê bem: sonhar não é, no sono ou acordado, [crer que] o semelhante a algo não [é] semelhante, mas a própria coisa com que se parece? Glauco – Diria ... que sonhar é como isso.

S. – E o outro? Aquele que, ao contrário destes, crê que algo é belo em si e é capaz de ver distintamente não só o próprio [belo], mas as coisas que dele participam, e nem pensa que as coisas que participam são o próprio [belo], nem que ele próprio é essas coisas, parece-te que vive desperto ou sonha?

G. – Desperto, sem dúvida.

S. – Então, não diríamos com razão que o [seu] pensamento (*dianoian*) é saber, visto que sabe, enquanto o do outro é opinião, uma vez que opina?

G. – Sem dúvida

(*Rep.* V 476c-d).

O passo aprofunda a contraposição inicial, prolongando-a em novas dualidades. A primeira replica a estipulação feita antes (E1), contrapondo “as coisas belas” ao “belo em si”. Na segunda, um modo de captação é caracterizado como “sonhar” e o outro como “viver desperto”. Finalmente, um e outro estados psíquicos são identificados com as modalidades cognitivas designadas como “saber” e “opinião”.

Formas em si	“belo em si”	“viver desperto”	“saber”
Formas misturadas	“coisas belas”	“sonhar”	“opinião”

A contraposição da “vigília” ao “sonho” é a seguir explicada e reforçada por duas comparações, cada uma das quais remete para a teoria da ‘participação’. Se “sonhar” é crer que o “semelhante a algo” é a própria [entidade] à qual é semelhante, pelo contrário, “viver desperto” é ser capaz de “ver distintamente” (*kathoran*) a própria coisa, no caso, “o próprio [belo]”, não pensando que ele “é as coisas que dele participam”, nem que estas são ele próprio⁶.

⁵ Neste passo (e noutros; por exemplo: 463b14, 479a3, 509a2-3, 515b5, e3, 530b2), o verbo ‘nomidzô’ associa ao sentido cognitivo (“acreditar”, “pensar”), dominante no argumento, a referência ao uso e costume (“ser” ou “ter costume”).

⁶ A segunda comparação remete para o locus classicus da participação (Fédon 100c-e). O

Enquanto o “amador de espetáculos” crê (*hêgeitai*: 476c7) que a multiplicidade das coisas belas é bela, o filósofo sabe que elas só “aparecem” belas por participarem do belo em si, ao qual são semelhantes (E1). Pois, tal como aquele que sonha crê na realidade de aquilo que “viu”, o “amador de espetáculos acolhe as belas cores...”, mas “o [seu] pensamento” (*dianoia*) não “vê e acolhe a natureza do próprio belo”⁷ (476b4-8). Por isso, poderá se dizer que enquanto o primeiro “conhece”, o segundo “opina” (476d5-6).

Completado este quadro, Sócrates antecipa uma confrontação com esse que “opina mas não conhece” (476d8-9). O seu objetivo é chegar a um argumento que o “acalme e persuada”, ocultando-lhe, porém, a circunstância de “não estar são de mente” (e1-2).

2. Surpreendentemente, encontra-o num breve trecho do diálogo travado com Gláucon. Depois de o instar a responder em nome de um representante dos “amadores de espetáculos”, apresenta-lhe um argumento que constitui uma imitação do fragmento 2, do Poema de Parmênides:

Texto 2

- S. — “Mas” – diz-nos isto, – “aquele que conhece, conhece alguma coisa ou nada?” Responde por ele.
 G. — Responderei que conhece alguma coisa.
 S. — Que é ou que não é?
 G. — Que é; pois, como conheceria algo que não é? (476e-477a).

passo visa a explicar como “algo” pode receber uma designação que não é sua, mas da entidade que o nome propriamente designa (de algum modo legitimando a atribuição de um ‘predicado’ a algo e explicando-a pela participação desse algo na Forma nele presente: em *hêmin*: 102d, e, 103b). Por sua vez, a primeira aponta a distinção que separa os predicados atribuídos aos sensíveis das Formas em que participam (ver Parmênides 129a-130a; implicitamente a referência da República sugere a não-transitividade da relação de semelhança: os sensíveis “são semelhanças” relativamente às Formas epônimas (R. Allen 1965, 50), mas estas não o são aos sensíveis). No final, voltarei a este tema.

⁷ A analogia não é perfeita, pois, enquanto se espera que, ao acordar, o sonhador recupere o contato com o real (eventualmente compreendendo que o que vira não tinha passado de um sonho), o “amador de espetáculos” não é capaz de aceder à realidade, porque “não tem a mente sã” (476e2). É esta incapacidade que o argumento visa a corrigir.

Apesar de o argumento remeter claramente para Parménides, B2⁸, há profundas diferenças a distingui-lo do original que imita. Não havendo, em Parménides, sujeito explícito para “é”/“não é”, as expressões que selam os “dois únicos caminhos” (B2.2) podem ser lidas antepredicativamente, como os dois ‘nomes’ opostos que a negativa caracteriza como excludentes (como é confirmado pelas cláusulas que complementam cada um deles: 2.3b/2.5b). Tal não se dá com a versão platônica do argumento eleático, que o insere num contexto claramente predicativo pelo fato de sustentar que “aquele conhece”, na posição de sujeito, tem como objeto “algo que é” (476e7-11).

2.1 Esta alteração é lesiva da utilização do argumento eleático pela parte de Platão. É claro que a introdução de “algo” (476e7, 9, 11) como objeto do conhecimento, a par das duas alternativas excludentes – “é”/“não é” –, impede que a rejeição da segunda (em Parménides, considerada “incognoscível e inconsumável” (B.2.7-8), “impensável e anônima” (B8.16-18a) seja usada para reiterar que a primeira é a única “autêntica”⁹ (B6.1-2a; B8.18b). Desse impedimento resulta que a “mesmidade” (*to auto*) de “ser” e “pensar”, apontada pelo Eleata (B3; B8.34), não pode ser invocada por Platão para justificar a identidade do conhecer com o ser¹⁰ (477a3).

2.1.1 Poderia se objetar que a leitura platônica de B2 não atinge a integridade do argumento eleático, uma vez que qualquer “algo” terá de se enquadrar numa das duas alternativas excludentes: “é”/“não é”. Todavia, a continuação do texto vai mostrar que, embora Platão precise identificar “ser” e

⁸ A presença de Parménides na República V foi comentada por I. Crystal, 1966. Note-se a similitude da estrutura dos dois argumentos:

“Vamos, vou dizer-te
 quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar:
 um que é, que não é para não ser,
 é caminho de confiança (pois acompanha a verdade);
 (5) o outro que não é, que tem de não ser,
 esse te indico ser caminho em tudo ignoto,
 pois não poderás conhecer o que não é, não é consumável,
 nem mostrá-lo [...]”.

⁹ Se só há duas alternativas – conhecer ou não conhecer –, dada a exclusão da segunda, a primeira é a única que resta. Deste argumento decorrerá a infalibilidade do conhecimento, uma vez que um “conhecimento falso” não é conhecimento.

¹⁰ Nesta leitura do fragmento, B3 sustenta que ‘ser’ e ‘pensar’ são “o mesmo” (“o pensamento é” e “o ser pensa” (ver, contudo, o debate sobre a localização do fragmento em: W. Altman, 2015, 204-208, 211-214). Diferentemente desta posição, ao defender que só se pode conhecer “algo que é” (477a1), Gláucón confirma o posicionamento tradicional de B3, lendo o fragmento na continuação de B2; logo, inserido no argumento da ‘Verdade’.

“pensar” para justificar a infalibilidade do saber (477e), não deixa de entender “algo” como uma terceira alternativa “entre” as outras duas.

De resto, a introdução de “algo” como objeto do conhecimento é deliberada. Sócrates poderia ter perguntado diretamente se “aquele que conhece conhece o que é ou o que não é” e recebido de Gláucón a resposta que lhe permitiria opor o saber à ignorância. Não poderia, contudo, prosseguir interpondo “o que é e não é” entre essas duas alternativas¹¹, como se verá adiante.

2.2 A comparação dos passos acima referidos de Parménides e Platão suscita algumas perguntas sobre os sentidos dos termos utilizados pelos dois pensadores. Começo pelas formas do verbo *‘einai’* utilizadas. No Poema do Eleata, entendidas antepredicativamente, as formas verbais “é/não é” não poderão ser lidas como cópulas, mas como os nomes que designam os “dois caminhos” opostos, pelo fato de não ser apontada nenhuma entidade à qual deva ser atribuído um qualquer predicado. Pelo contrário, como se viu, em Platão, sendo o argumento inserido num contexto predicativo, em virtude do qual – “quem conhece conhece algo que é” –, “que é/que não é” (*on/ouk on*) devem funcionar como cópulas, recebendo uma diversidade de leituras, entre as quais são dominantes a ‘existencial’, a ‘veritativa’ e a ‘predicativa’ (“algo que existe/não existe”, que “é/não é verdade”, e “é/não é (objeto de predicação)”; J. T. Santos 2013, 39-40).

2.3 Quanto à ‘negativa’, receberá a mesma leitura nos dois textos referidos: como ‘contradição’ (ou ‘contrariedade excludente’): em Parménides, em virtude de B2.3b, B2.5B; em Platão, pela oposição de “que é” a “que não é” (476e10), da qual resulta a declaração da incognoscibilidade de “algo que não é” (477a3-4).

3. Feitos estes esclarecimentos, passo à exposição da seção final do preâmbulo:

Texto 3A

S. — “Então, isto é bastante, ... o que é de todos os modos é de todos os modos cognoscível e o que não é de modo nenhum é de nenhum modo, de todo incognoscível?

G. — Não se pode mais bastante” (477a2-5).

¹¹ Nesta perspectiva, é possível encarar “o que é e não é” como o referente intencional visado pelo termo ‘algo’, cuja oposição a “nada” (476e6) será adiante correspondida pela contraposição da doxa tanto ao ‘saber, como a “nada” (477b1, 5, 478b3-10).

3B

S. — “Seja. Mas, se alguma coisa fosse tal que fosse e não fosse, não ficaria entre o que é sem mistura e o que não é de modo nenhum?”

G. — Ficaria entre.

S – Se o saber era sobre o que (*epi ... tô onti*) é e a ignorância necessariamente sobre o que não é (*epi mê onti*), deve, portanto, se investigar sobre o [que está] entre isso, qualquer coisa entre a ignorância e o saber, se é que alguma coisa é tal” (*Ibid.* 477a6-b3).

No curto espaço de onze linhas o argumento esboça dois movimentos opostos. No primeiro, recebendo as conclusões atingidas na seção anterior, são estabelecidas três identidades: como só se conhece o que é (porque “o que não é é incognoscível”), “o que é de todos os modos é de todos os modos cognoscível”, enquanto “o que não é de modo nenhum é, de nenhum modo, de todo incognoscível”.

Com o recurso às expressões “de todos os modos” e “de modo nenhum”, defendo que Platão mostra ter compreendido que a necessidade de respeitar a fixação de duas alternativas excludentes pelo argumento eleático o obriga a assinalar a contradição entre os pares constituintes de cada uma delas. Na falta de um termo técnico, ou mais adequado (por exemplo, ‘*enantiôtata*’: *Protágoras* 331d5, *Banquete* 186d7, *Parménides* 159a4, *Sofista* 250a8, *Filebo* 13a1,4), Platão recorre às duas expressões acima para assinalar que é excludente a contrariedade entre elas.

Por isso, será com redobrada surpresa que se assiste à introdução de uma *outra* (478a14, b3) alternativa *entre* (477a7, 9, 478d1-10) as duas anteriores, a qual, articulando a leitura da negativa, como contradição, com a outra, como alteridade, abre aquela perspectiva que o argumento de Parménides exclui e decididamente condena:

“... .. não imporás que não-entes são (*mê eonta einai*):

Mas afasta desta via de investigação o pensamento”

(Parménides, B7.1-2; Platão, *Sofista* 237a).

A explicação que Platão dá de onde quer precisamente chegar com “alguma coisa que fosse e não fosse” (477a6) decerto constitui a finalidade principal do argumento que se estende até ao final do Livro V. Todavia, para a atingir será necessário começar por compreender como, retomando a contraoposição referida no início do preâmbulo do argumento (477a), “saber” e “opinião” podem se relacionar.